

XXXVI

CORAÇÕES RENOVADOS

Três dias haviam corrido sobre a libertação de Júlio.

De novo, ao lado de Zulmira, nas primeiras horas da noite, reparávamos-lhe a profunda exaustão...

O enfraquecimento progressivo impusera-lhe perigosa situação orgânica.

O próprio Clarêncio, depois de auscultá-la, anotou, apreensivo:

— Nossa irmã reclama socorro mais seguro. O esgotamento é quase completo.

A enferma recebia-lhe a assistência magnética, quando Mário, Antonina e Haroldo deram entrada em sala próxima.

Deixámos nosso instrutor com a doente e demandámos a peça em que se efetuaria o encontro familiar.

O ferroviário e a filha faziam as honras da casa.

Amaro, acolhedor, dava mostras de grande alívio. O sorriso, embora triste, era largo e espontâneo, demonstrando o contentamento interior de quem via terminar velha e desagradável desavença.

Mário, porém, surgia constrangido e desajeitado, enquanto Antonina irradiava simpatia e bondade, cativando, de improviso, a amizade dos anfitriões.

O enfermeiro apresentou a jovem senhora e o filhinho por amigos particulares e depois, evidentemente instruído pela companheira, iniciou a palestra, comentando a penosa impressão que lhe causara o falecimento do pequenino e pedia escu-

sas por não haver reaparecido, como reconhecia de seu dever.

A ocorrência desnorteara-o.

Cairá de cama, impressionado com o acontecimento que lhe não cabia esperar.

Falava realmente comovido, porque, lembrando os derradeiros minutos da criança, represavam-se-lhe os olhos de lágrimas que não chegavam a cair.

Aquela emotividade manifesta, aliada à humildade sincera que Silva deixava transparecer, tocava o coração de Amaro, que se descerrou mais amplamente.

— Percebi — disse o dono da casa — a dor que o envolveu no momento justo em que nosso anjinho era arrebatado pela morte. Sua aflição me comoveu muito, não só pelo devotamento do profissional que nos assistia, mas também pela afeição pura do amigo que, há tanto tempo, se distanciara de nossos olhos.

A generosidade do ex-rival, por sua vez, influenciava o enfermeiro de modo decisivo.

As vibrações de afabilidade e carinho que se desprendiam do apontamento afetuoso modificavam-lhe o íntimo.

Mário passou a sentir balsamizante desafogo.

E, enquanto Evelina se afastava para atender à madrasta doente, reportou-se à tortura moral que o assaltara, assim que viu Júlio inerte, detendo-se na breve descrição do complexo de culpa que o acometera. Teria seguido com segurança a indicação do especialista? Enganar-se-ia, porventura, na dosagem da medicação?

Na ligeira pausa que surgiu, natural, Amaro tornou à palavra, acrescentando, bondoso:

— Não havia motivo para tamanha preocupação. Desde a primeira visita médica, comprehendi que o nosso filhinho estava condenado. O soro foi o último recurso.

E, com dolorida resignação, acentuou:

— Não é a primeira vez que atravesso uma

provação dessa ordem. Há tempos, sofri a perda do caçula de meu primeiro matrimônio, estranhamente afogado numa de nossas raras excursões até à praia. Confesso que só me faltou enlouquecer. Entretanto, apeguei-me à religião para não socobrar e hoje comprehendo que sómente nos compete acatar os designios de Deus. Não passamos de criaturas necessitadas de socorro divino, a cada instante de nossa experiência humana.

— Sem dúvida — interferiu Antonina, otimista —, sem apoio espiritual, não avançaríamos um passo no terreno da verdadeira harmonia íntima. A morte do corpo nem sempre é o pior que nos possa acontecer. Quantas vezes os pais são constrangidos a acompanhar a morte moral dos filhos, no crime ou na viciação que não conseguem interromper? Também perdi um dos rebentos que Deus me confiou, mas procurei acomodar-me à saudade sem revolta, porque a Sabedoria do Senhor não deve ser menosprezada.

— Que prazer ouvi-la! — disse o ferroviário, com discreta satisfação — após afeiçoar-me, com mais empenho, ao Catolicismo, na leitura de Santo Agostinho, observo que abençoada renovação se fez em mim.

E fitando a interlocutora, com mais atenção, aduziu:

— A senhora é também católica?

Antonina sorriu, delicada, e informou:

— Não, senhor Amaro, em matéria de fé, aceito a interpretação evangélica do Espiritismo, entretanto, isso não impede que estejamos procurando o mesmo Mestre.

— Ah! sim, Jesus é o nosso porto — acentuou o anfitrião, liberal —, não entendo a religião por elemento separatista. A senhora, na condição de espírita, e eu, na posição de católico, possuímos uma só linguagem na fé que nos identifica. Creio que a Providência Divina, como o Sol, brilha para todos.

— E' muita alegria sentir-lhe a nobreza da alma — comentou Antonina, entusiástica —; na essência, desejamos ser cristãos sinceros e a sua generosidade me permite entrever a beleza do Cristo nas vidas nobres.

Amaro não conseguiu responder.

Um táxi parou à porta e, de imediato, o médico da família entrou para a inspeção.

Depois das saudações usuais, passou ao quarto da enferma e, porque o dono da casa se propusesse segui-lo, recomendou-lhe permanecesse na sala com as visitas, de vez que tencionava submeter a paciente a meticoloso exame, pretendendo ouvi-la a sós.

Evelina veio ter conosco e, acompanhando o facultativo com o nosso olhar, vimo-lo carinhosamente recebido por Clarêncio e Odila, que se nos mostraram à porta.

A conversação passou a desdobrar-se em torno de Zulmira.

O chefe da família, preocupado, discorria sobre a esposa acamada, encarecendo a delicadeza da situação.

Zulmira, que adoecera com a enfermidade do filhinho, desde a morte dele, não mais se alimentara.

Não obstante todos os conselhos médicos e todos os apelos afetivos, demonstrava-se alheia, no mais amplo desinteresse pela vida.

Enfraquecia, de modo alarmante.

Como se quisesse dar notícias de seu círculo particular ao atento enfermeiro, relacionou os desajustes psíquicos da companheira, antes da vinda do filhinho que a morte lhes arrebatara ao convívio.

Zulmira, com a maternidade triunfante, como que se renovara.

Revelara-se mais alegre, mais viva.

Readquirira a saúde plena.

Com a desencarnação da criança, nova crise de contratempos invadira-lhe a casa.

A moléstia asilara-se, ali, de novo, entre as quatro paredes.

Mário, a permutar significativos olhares com Antonina, de quando em quando se situava entre a perplexidade e o desencanto.

A confissão de Amaro constituía um testemunho de humildade pura.

Em muitas ocasiões, fantasiara-o, na própria imaginação, qual se fora um poço de orgulho e arrogância e, por muitas vezes, surpreendera-se em acalorados solilóquios, rixando com ele em pensamento.

Agora, reparava que o antagonista era um homem comum, tanto quanto ele necessitado de paz e compreensão.

O entendimento prosseguia mais afetuoso, quando o clínico tornou à sala.

De semblante torturado, dirigiu-se ao ferroviário, notificando:

— Amaro, a providência é quase impossível quando a previdência não funciona. A posição de Zulmira piorou muitíssimo nas últimas horas. O soro aplicado desde ontem não trouxe o resultado preciso. O abatimento é enorme. Creio indispensável uma transfusão de sangue ainda esta noite, para que não sejamos amanhã surpreendidos por obstáculos insuperáveis.

Amaro empalideceu.

Antonina voltou-se em silêncio para Silva, como a dizer-lhe, de coração para coração: — «Não hesite. É a sua hora de ajudar. Aproveite a oportunidade.»

Mário, acanhado, levantou-se maquinamente e, antes que Amaro fizesse qualquer referência ao assunto, apresentou-se ao médico, explicando:

— Doutor, se a minha cooperação for aceita, sentirei prazer nisso. Sou doador de sangue no hospital em que trabalho. Um telefonema seu ao pediatra amigo, a quem o senhor recorreu no caso de Júlio, pode confirmar as minhas palavras.

E, erguendo os olhos para o ex-rival, disse, em voz quase suplicante:

— Amaro, permita-me! quero auxiliar a doente de algum modo!... Afinal de contas, somos todos, agora, bons irmãos.

O chefe da casa, comovido, abraçou-o reconhecidamente.

— Obrigado, Silva!

Nada mais conseguiu dizer.

De olhos angustiados, dirigiu-se para o aposento da mulher, envolvendo-a em manifestações de carinho.

Antonina, colocando Haroldo junto a uma pilha de revistas velhas, pôs-se à disposição de Evelina para qualquer atividade caseira, enquanto Mário e o médico partiam, velozes, em busca do material necessário.

Transcorrida uma hora, a câmara da enferma se iluminava mais intensamente para o serviço a fazer.

Zulmira, admirada, reconheceu Mário, todavia era enorme a prostração para que pudesse demonstrar interesse ou desprazer. Apresentada a Antonina, limitou-se a endereçar-lhe alguns monossílabos, com um breve sorriso de reconhecimento.

Assumindo a direção da enfermagem, a jovem viúva parecia uma figura providencial.

Amparou a doente com carinho, auxiliou o clínico nas tarefas do momento e, cativando a gratidão dos novos amigos, colaborou com Evelina para que todas as medidas alusivas à higiene se efetassem harmoniosas.

Realizada a transfusão, a enferma entrou na reação característica, contudo, Silva, fôsse porque estivesse de si mesmo enfraquecido ou porque a quantidade de sangue tivesse sido demasiada, passou a acusar profundo abatimento.

Em seus olhos, porém, brilhava uma luz diferente.

Afigurava-se-lhe haver perdido as inquietações

que o martirizavam. Adquirira a noção de que se reabilitara, perante a própria consciência. Trouxera aos ex-adversários o próprio coração em forma de visita fraterna. E as suas próprias forças insufladas no campo orgânico da mulher que lhe fora a bem-amada, como que lhe favoreciam a ausência dos velhos pensamentos de mágoa que, por tanto tempo, lhe haviam flagelado a vida íntima.

Registando-lhe a queda de energias, o médico ministrou-lhe, de imediato, os recursos aconselháveis, permanecendo Mário, desse modo, cômodamente instalado em larga poltrona, junto dos amigos.

Despediu-se o facultativo, mais animado.

Antonina, sem afetação, ajudou no preparo do café, que foi saboreado por todos, enquanto a conversação era reatada com alegria.

Foi então que a viúva se ofereceu para voltar.

Era industriária e, na posição de mãe, responsabilizava-se por três crianças, entretanto, poderia dispor de dois dias.

Amaro salientou a dificuldade para encontrar uma enfermeira ou governanta para horas difíceis e aceitou a gentileza.

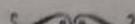
Antonina, contente, prometeu regressar, trazendo Lisbela, na manhã seguinte. Estava convencida de que a menina conseguiria entreter Zulmira, com as suas infantilidades, mitigando-lhe o coração saudoso de mãe.

Evelina abraçou-a, encantada. Simpatizara-se com Antonina, como se fôssem duas irmãs.

Algo reanimado e positivamente feliz, Mário dispôs-se à retirada e um táxi foi trazido.

Num ambiente de construtiva cordialidade, desenvolveu-se a reconfortante despedida.

E Silva, fitando a companheira de excursão com reconhecimento e carinho, sentiu-se reconciliado consigo mesmo, irradiando a alegria silenciosa de quem retorna à felicidade.



XXXVII

REAJUSTE

Quando os amigos se afastaram, Clarêncio cercou Zulmira de cuidados especiais, aplicando-lhe passes de reconforto.

A injeção de sangue renovador lhe fizera grande bem.

Pouco a pouco, acomodaram-se-lhe os centros de força.

Desde a desencarnação do filhinho, a pobre criatura não desfrutava tão acentuado repouso, quanto naquela hora.

Nosso instrutor recomendou a Odila preparasse o pequeno Júlio para o reencontro com a maezinha.

Zulmira vê-lo-ia, buscando energias novas.

E enquanto nossa irmã se distanciava para o desempenho da missão que lhe fora cometida, o orientador falou, otimista:

— Um sonho reconfortante é uma bênção de saúde e alegria para os nossos irmãos encarnados.

Iamos responder, mas a doente, à semelhança das pessoas na hipnose profunda, levantou-se em Espírito, contemplando-nos, surpresa.

O olhar dela, admiravelmente lúcido, falava-nos de sua ansiedade maternal.

Clarêncio afagou-a, como se o fizesse a uma filha, rogando-lhe calma e fé.

Desdobrava-se-lhe a preleção carinhosa, quando partimos.

Amparada em nossos braços, Zulmira volitou sem perceber.

Observei que o espetáculo magnificente da Na-